

SOCIOLOGIA DO TERRORISMO

Octavio Ianni

SUMÁRIO

1. Revelações	5
2. Geopolítica	15
3. Fundamentalismo	30
4. Barbárie	38

SOCIOLOGIA DO TERRORISMO

Prof. Dr. Octavio Ianni

Deptº de Sociologia do IFCH/UNICAMP

1. REVELAÇÕES

No curso dos tempos modernos, de vez em quando a História revela-se inexorável e errática, assustadora e fascinante. Tudo o que parecia estabelecido, quieto em sua calma, mesmo alheio e distante, de repente pode revelar-se instável, abalado, fora do lugar, estranho. A despeito de que tudo continue aonde estava, quieto em sua calma, de repente já não é mais o mesmo. Modifica-se a sua expressão, significado ou entonação. Tanto é assim, que indivíduos e coletividades logo são de presos, susto e desespero ou entusiasmo e alucinação.

São muitos os acontecimentos que assinalam tanto continuidades ou discontinuidades, rupturas e reorientações, progressos e decadências, glórias e desilusões. Na vida dos povos e nações, bem como de indivíduos e coletividades, ocorrem acontecimentos que assinalam o possível e o impossível, o evidente e o inexplicável. Em alguns casos, o acontecimento assinala nitidamente que termina um processo,

uma época; que se inicia algo desconhecido, podendo ser não só surpreendente, mas terrificante e entusiasmante.

É provável que tenha sido assim: em 1492, quando Colombo deu a notícia de que chegou do outro lado do mundo, logo corrigida por Vespuccio, anunciando o Novo Mundo; em 1789, quando ocorre a notícia da queda da Bastilha; em 1917, quando os bolchevistas tomam o Palácio de Inverno em São Petersburgo; e em 11 de setembro de 2001, quando as imagens divulgadas mundialmente mostrada que as torres gêmeas do World Trade Center, em New York, e um dos ângulos do Pentágono, em Washington, estão desabando.

Esta é a idéia: há acontecimentos que adquirem significados e conotações excepcionais, reveladoras. São eventos heurísticos, por suas implicações históricas e teóricas. Podem ser vistos como experimentos científicos, já que tornam mais explícitos nexos, continuidade, descontinuidades, tensões e contradições insuspeitados em um momento anterior. É como se fosse uma explosão, atingindo a realidade e o imaginário, de tal maneira que logo se distinguem melhor relações, processos e estruturas de dominação e apropriação recônditos, que não se percebiam. De repente, abalam-se os quadros sociais e mentais de referência de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo.

Quando desabaram as torres gêmeas do World Trade Center, em New York, e um dos ângulos do pentágono, em Washington, a opinião pública mundial defronta-se com um acontecimento excepcional, altamente revelador, propriamente heurístico. Com ele abrem –se possibilidades insuspeitas anteriormente para a interpretação de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica, em escala nacional e mundial. Vários nexos sociais, políticos, econômicos e culturais, de permeio a jogos de forcas sociais e operações

geopolíticas, logo se tornam mais evidentes, visíveis, transparentes, em escala nacional, regional e mundial.

Em um instante, no centro da maior potência mundial, dois de seus mais notáveis símbolos são agredidos e desmoronam, arruinados. Em um instante, o poder econômico e o poder militar, compreendendo o monopólio da violência, são postos em causa, deixando de ser intocáveis. São as duas principais alavancas da supremacia das elites governantes e classes dominantes norte-americanas no mundo. Simbolizam as teias, redes ou sistemas com as quais essas elites e classes se associam com elites governantes e classes dominantes da maioria das nações do mundo. Nesse sentido, é que o mundo assiste atônico e assustado, surpreendido e fascinado, o desabar de dois pilares do neoliberalismo e do ocidentalismo, isto é, do capitalismo .

Em pouco tempo, em todo o mundo, muitos se dão conta de que muita coisa saiu do lugar; o que parecia estabelecido, quieto em sua calma, revela-se desconhecido. De repente instala-se a descontinuidade, instabilidade, aflição, medo, terror. O que parecia um acidente de engenharia, arquitetura ou urbanismo, logo se revela um acontecimento histórico, com implicações econômicas, políticas, sociais e culturas. Abala-se o mapa do mundo, movendo-se territórios e fronteiras, expectativas e horizontes, idéias e convicções, glórias e ilusões.

“A mensagem transmitida em 11 de setembro foi a seguinte: América, chegou a hora de descobrires o quão implacável és odiada. O voo 175 da United foi um míssil balístico intercontinental disparado contra a inocência da América. Essa inocência, afirmou-se com a mensagem, era uma ilusão anacrônica, um luxo. Mais de uma semana após o ataque, estamos livres para sentir o gosto de fel da atroz engenhosidade da mensagem... O pentágono é um símbolo, o

World Trade Center é, ou era, um símbolo, e um avião de passageiros americanos também é um símbolo – da modalidade e do prazer de viver dos habitantes do país e da galáxia de destinos reluzentes que os esperam. Os condutores do terror eram moralmente bárbaros, mas conferiam a seu trabalho uma sofisticação demente. Pegaram essas grandiosas orientações americanas e as esmagaram todas juntas no mesmo pilão... A Terça-feira do terror, apesar de toda a sua maldade estudada, foi um mero prenúncio do que está por vir. Ainda estamos no primeiro círculo. Também será terrivelmente e doloroso para os americanos compreenderem o fato de que são odiados e odiados de maneira inteligível. Quantos deles sabem, por exemplo, que seu governo já destruiu pelo menos 5% da população iraquiana? Quantos deles são capazes de transferir essa proporção para a América e ver que o número equivalente seria 14 milhões de pessoas? Várias características nacionais - a autonomia, um patriotismo mais acirrado do que existe em qualquer parte da Europa ocidental, uma ausência onipresente de curiosidade geográfica – geram um déficit em empatia com o sofrimento de pessoas que se encontram distantes”.¹

São variáveis e muito importantes as revelações com as quais se defrontam indivíduos e coletividades, povos e nações, em todo o mundo.

Primeiro, logo fica evidente que está em marcha a globalização do terrorismo. Seja pelas intenções de seus agentes, assim como pelos efeitos provocados pelos seus atos, bem como pelas reações em geral, particularmente pelas elites governantes e classes dominantes, em todo o mundo, o *ataque terrorista* do 11 de setembro de 2001 assinala mais um aspecto importante da globalização de tensões sociais. As

¹ Martins Amis, “Medo e repulsa”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 de setembro de 2001, caderno especial, p. 12. Martins Mais é escritor inglês.

motivações de seus agentes podem ter sido anárquicas ou nihilistas, reacionárias ou revolucionárias, em todos os casos, no entanto, estão em causa tensões sociais importantes ou incidentais, mas mundiais. Aí estão o ocidentalismo e o orientalismo, o islamismo, e o cristianismo, em geral acionados pelo capitalismo.

Segundo, o que se apresentou no início como um “ataque terrorista” logo se revela um *ato político* da maior importância, desdobrando-se em um processo político de ampla envergadura, compreendendo a guerra e a coalisão de países contra o terrorismo; a mobilização da máquina de guerra da mais poderosa nação do mundo contra a mais débil nação do mundo; a pretexto de combater o terrorismo, mobilizando o terrorismo de Estado. Em poucos dias, praticamente o mundo todo se viu direta e indiretamente envolvido na guerra pela “justiça infinita”, pela “liberdade duradoura”, contra as nações classificadas pelas elites governantes e classes dominantes norte-americanas e de outras nações da coalisão como pertencentes ao “eixo do mal”. Assim, logo fica evidente, para muitos, em todo o mundo, qual é a geopolítica em que se baseia a diplomacia norte-americana. Diante do ataque terrorista, antes mesmo de saber quais seriam os indivíduos, grupos, organizações ou instituições responsáveis, logo se declara a retaliação, a guerra, o ataque terrorista da mais poderosa potência mundial contra a mais frágil das nações. Em lugar da negociação, possível através da Organização das Nações Unidas (ONU), deflagram-se as fúrias do capital, com os braços armados visíveis e invisíveis, ostensivos e clandestinos; com a cumplicidade e colaboração de nações européias. Em face de um ataque de terrorismo, partido de alguma parte de uma nação classificada como pertencente ao “eixo do mal”, deflagra-se uma “guerra assimétrica” e fundamentalista desde o que se autodenomina

“eixo do bem”. Ao mesmo tempo, ou principalmente, as elites governantes e classes dominantes norte-americanas instalam-se no Afeganistão, ocupando uma posição geopolítica importante na Ásia Central.

Terceiro, o acontecimento do dia 11 de setembro de 2001 pode ser visto, simultaneamente, como “ataque terrorista”, “ato político” e *ação revolucionária*. Tanto em si, pelos objetivos e símbolos que atinge como vasto processo político que deflagra, adquire uma radicalidade surpreendente e generalizada. Pela primeira vez na história da supremacia mundial dos Estados Unidos da América do Norte fica comprovado, para uns e outros, nos Estados Unidos e em todo o mundo, que a mais poderosa potência mundial é vulnerável. Uma potência imperial, cujas elites governantes e classes dominantes e sempre se apresentam como excepcional, modelo e farol da humanidade, de repente descobre-se vulnerável, agredida por algum inimigo incógnito, invisível, ubíquo. Em uma manhã de sol, aviões domésticos de passageiros transformam-se em mísseis balísticos intercontinentais, tecendo novas revelações transnacionais e explicando outras, antes poucos evidentes. Um acontecimento com o qual se pode levantar a hipótese de que a globalização rima, simultaneamente, com integração, fragmentação e revolução.

Quarto, a presença dos Estados Unidos no cenário mundial torna-se ainda mais evidente. A supremacia que se tornara mais explícita com o fim da Guerra Fria, a desagregação do bloco soviético e a transformação do mundo socialista em uma vasta e lucrativa fronteira de expansão do capitalismo mundial, logo se torna escandalosa; com a declaração de guerra, em outubro de 2001, contra o Afeganistão e a promessa de agressão militar aos países definidos como pertencentes ao “eixo do mal”; tudo isso com ampla colaboração ativa e passiva de

elites governantes e classes dominantes de nações européias e de outras partes do mundo, em uma poderosa coalisão do “eixo do bem” contra o “eixo do mal”; em defesa da “civilização ocidental cristã”, do capitalismo em seu novo ciclo de globalização.

Quinto, entra em curso um vasto e pervasivo processo de controle de indivíduos e coletividades, a começar por indivíduos e coletividade da própria sociedade norte-americana; mas também nas sociedades européias, com ramificações por outras sociedades nacionais asiáticas, africanas e latino-americanas. Está em curso um processo de direitização, com evidentes ingredientes nazifascistas. Reduzem-se ou eliminam-se direitos democráticos conquistados desde difíceis lutas sociais e acentuam-se os controles jurídico-políticos, militares e policiais sobre indivíduos e coletividades, organizações sociais e movimentos sociais; em geral compreendendo intolerância étnicas, religiosas e outras, desde a xenofobia e o etnicismo ao racismo e fundamentalismo calvinista secularizado. Esse é o clima que florescem as atividades, organizações, movimentos e correntes nazifascistas.

Não se trata de imaginar que o ataque terrorista provoca a direitização de elites governantes, classes dominantes, poderes constituídos e o setores da opinião pública. Essa pode ser apenas aparência, impressão superficial. O que ocorre é principalmente a revelação e o desenvolvimento de situações e potencialidades em larga medida já constituídas. Algo que está em germen, logo se manifesta e dissemina. Essa direitização tem raízes na fábrica de sociedade, nacional e mundial, por suas desigualdades e tensões ativas e pervasivas, com as quais fermentam-se mccarthysmos, fascismo e nazismo, desde o século XX.

As cenas da catástrofe que ocorre em New York, quando desabam as torres gêmeas do World Trade Center, impressionam inclusive pela semelhança com cenas de filmes de catástrofe. Uma parece reprodução, imitação ou continuação da outra. Uma é o produto de um ataque terrorista, ao passo que a outra é o produto da indústria cultural, na qual germina a cultura do terrorismo. Sim, são muitos, em todo o mundo, que se dão conta que as cenas da catástrofe que se desenvolve e difunde pelo mundo por meio da indústria cultural, a começar pelo cinema, televisão e o romance. Sem esquecer que bombardear as audiências, os leitores e o espectadores com cenas de violência, reais, imaginárias, virtuais, espetacularizadas eletronicamente, pode significar entretenimento e intimidação, informação e indução, catarsis e educação. Sim, as cenas de catástrofes cinematográficas de New York revelaram, para muitos, que a cultura do terrorismo é uma criação permanente, altamente lucrativa, da indústria cultural.

“Muitos se perguntam se um dia voltaremos a ter uma ‘vida normal’. Contudo, em Hollywood, ‘normal’ é uma palavra que está sempre mudando de significado. Qualquer descrição do cenário atual devem incluir obrigatoriamente aquele tipo de violência que se tornou padrão na indústria... Talvez o que esse acontecimento tenha revelado, com seus corpos de verdade despedaçados por explosões reais em edifícios verdadeiros, seja a realidade sombria que se oculta por trás de tanta coisa reproduzida por Hollywood atualmente. Só agora a nós perguntamos como pudemos achar emocionante assistir à colisão de um asteroide com a Terra, ou ver a Casa Branca explodida por alienígenas enquanto comíamos pipoca. Os terroristas, de acordo com os entendidos, abrigam uma versão distorcida e homicida desse mesmo impulso. Será possível que estejamos envergonhados porque descobrimos que, no fundo, somos todos terroristas? Nos, produtores, temos agora a nossa disposição

ferramentas que nos permitem colocar em cena o que quisermos. Não há catástrofe grande demais para nós; basta acrescentar um pouco mais de spray de sangue, “apagar” membros do corpo”.²

Há décadas a indústria cultural tem lucros crescentes com a fabricação de violências, desastres e catástrofes sociais e naturais. Desde as inovações possíveis com as tecnologias eletrônicas, multiplicaram-se as possibilidades de fabricação de seqüências edificantes e terríficas, imagináveis e inimagináveis, mas sempre lucrativas.

Sob vários aspectos, pois, a catástrofe de New York é um acontecimento altamente revelador, por suas implicações históricas e teóricas. Revela-se, simultaneamente, “ataque terrorista”, “ato político” e “ação revolucionária”; abala quadros de referências sociais e mentais de uns e outros, em todo o mundo; suscita interrogações sobre o que está acontecendo no presente, quais poderiam ser suas raízes próximas e distantes desse presente e quais poderão ser os lineamentos possíveis no futuro. Sob vários aspectos, um evento heurístico, com o qual se assimilam impasses fundamentais do novo ciclo de globalização do capitalismo, visto como integração e fragmentação, guerra e revolução.

Está é a idéia: um acontecimento aparentemente banal, ainda que brutal, logo revela-se de significado histórico excepcional. Pode ser tomado como um evento heurístico, tanto no que revela no imedi-

² Edward Zwick e Marshall Herslovitz, “Quando os corpos são de verdade”, *O Estado de S. Paulo*, 23 de setembro de 2001, p. A-15. Note-se que Edward Zwick Marshall Herslovitz são produtores, diretores e roteiristas. Consultar também: Bruce Orwall, “Como a Disney preparou o “Armageddon” para a Batalha na bilheteria”, *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, 1º de julho de 1998; Susan Sontag, *Contra a interpretação*, trad. de Ana Maria Capovilla, L & PM Editores, Porto Alegre, 1987, especialmente, “A imaginação da catástrofe”, pp. 243-262.

ato como pelos esclarecimento que pede e explicita, no que se refere aos antecedentes, às raízes próximas e distantes; e pelo que descortina sobre o futuro. Sim, as imagens e as palavras, os sons e as cores, as formas e os movimentos, o espetáculo multimídia e, também, a catástrofe cinematográfica que aparece com o acontecimento, esclarece aspectos importantes do presente e do passado, bem como aponta para desdobramentos do futuro; inclusive pelas relações que aguarda com a modernidade. Aí combinam-se a ciência e a técnica, as estratégia e a tática, o sentido de espetáculo e a contundência da mensagem. Muito do que se tem dito e ainda se pode dizer, não só sobre a modernidade em geral mais sobre a modernidade-mundo, revela-se nos clarões multicoloridos das chamas que consomem dois símbolos do capitalismo.

Sim, já são muitos, em todo o mundo, os que se apropriam de idéias, técnicas e instituições da modernidade, desenvolvendo-as e redirecionando-as, revertendo suas potencialidades teóricas e práticas, reais e imaginárias; descortinando outras experiências sociais, outros modos de ser, estilos de vida, visões do mundo.³

³ Geoffrey Barraclough, *Introdução à História Contemporânea*, trad. Álvaro Cabral, 4ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976, esp. Cap. VI: "A Revolta contra Ocidente"; José Carlos Mariategui, *Siete Ensayos de interpretación de la realidad peruana*, Biblioteca Amauta, Lima, 1965; Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, trad. de José Laurênio de Melo, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968; Akbar s. Ahmed e Hastings Donnan (Editora), Islam, *Globalization and postmodernity*, Routledge, Londres, 1994; William H. Friedland e Carl G. Rosberg Jr. (Editors), *African Socialism*, Stanford University Press, Stanford, 1967; Michael Lowy, *El Marxismo en América Latina*, Ediciones Era, Mexico, 1982; V.S. Naipaul, *India: A Wounded Civilization*, Vintage Books, New York, 1978.

2. GEOPOLÍTICA

Está é uma revelação muito importante, com a qual também se assinala o início do século XXI: já são muitos, em todo mundo, os que se mostram inquietos ou indignados com a “diplomacia total” com a qual as elites governantes e as classes dominantes norte-americanas, em associação com elites governantes e classes dominantes de outras nações, estabelecem e impõem diretrizes econômico-financeiras, tecnológicas, políticas, sociais e culturais a outras nações, na África, Ásia, Oceania, América Latina, Caribe, Europa Central e Europa Oriental.

O que se revela, de repente, é algo que está ocorrendo desde o fim da Segunda guerra mundial: as elites governantes e as classes dominantes norte-americanas conduzem uma guerra sem-fim contra cada um e todos os governantes e regimes políticos alternativos vigentes ou ensaiados no mundo. Desde a intervenção nas lutas sociais travadas na Grécia em 1944-49 até a intervenção em curso na Venezuela e no Iraque em 2002, são numerosos os casos de pressões, exigências, bloqueios, desestabilizações, intervenções armadas diretas ou mercenárias e destruições de governos e regimes políticos alternativos ensaiados ou vigentes em todo o mundo. Em todos os casos, a mensagem dos porta-vozes ou ideólogos das elites governantes e classes dominantes norte-americanas, em geral associadas com setores dominantes de nações européias e de outras regiões, sintetiza-se nos seguintes termos: “a Grécia foi salva para o Ocidente”, assim como a Guatemala em 1954, o Irã em 1953, a Indonésia em 1965, o Brasil em 1964, o Chile em 1973, a Nicarágua em 1989, a Venezuela e o Iraque em 2002.⁴

⁴ T. E. Vadney, *The World Since 1945*, Second Edition, Penguin Books, Londres, 1991; Martin Walker, *The Cold War*, Vintage, Londres, 1993; Stephen E. Ambrose,

IRÃ: “A intervenção no Irã, em 1953, para depor o governo Mohammed Mossadeq, foi a primeira operação bem sucedida, no período pós-guerra, para subverter um governo nacionalista. Mossadeq chegou ao poder no dia 1 de maio de 1951 e três dias após nacionalizou a empresa britânica Anglo-Iranian Oil Company. Em um ardente discurso, anunciou que o Irã estava assumindo a posse do tesouro escondido, sobre o qual estava um dragão. As companhias de petróleo do Ocidente boicotaram a companhia de petróleo nacionalizada e o Irã perdeu sua maior fonte de divisas... Um ano depois, a administração do recém-eleito Eisenhower aceitou o ponto de vista britânico: Mossadeq deve ser deposto... O governo Eisenhower começou a sua campanha contra Mossadeq com pressões econômicas. Em seguida, Kermitt Roosevelt foi enviado ao Irã, como agente da CIA (Central Intelligence Agency, isto é, Agência Central de Informação), para dirigir o golpe contra Mossadeq... Com a ajuda de cinco agentes norte-americanos e sete auxiliares iranianos, Roosevelt realizou a conspiração, desde um porão da cidade de Teheran. Um colega, seu admirador, disse que foi uma autêntica operação James Bond... Com a ajuda de substanciais importâncias em dinheiro, que Roosevelt usou para alugar manifestantes para intensificar os crescentes movimentos de turbas anti-Mossadeq e financiar o exército iraniano, pesadamente dependente de equipamentos norte-americanos, os insurgentes aumentaram a pressão contra Mossadeq e o expulsaram do governo”.⁵

Rise to Globalism (American Foreign Policy Since 1938), Seventh Revised Edition, Penguin Books, Londres, 1993.

⁵ Richard J. Barnet, *Intervention and Revolution* (America's Confrontation with Insurgent Movements Around the World), Meridian Books, New York, 1968, pp.226-228. Consultar também: Stephen E. Ambrose, *Rise to Globalism* (American

GUATEMALA: “Muito bem, rapazes” - disse o embaixador Jonh E. Peurifoy diante de seus auxiliares – “amanhã a esta hora estaremos fazendo uma festança”. Acena passou-se na Embaixada norte-americana, na Oitava Avenida, Cidade de Guatemala – e a surpreendente frase do embaixador ficou claramente gravada na memória de um dos participantes da reunião. A data era 18 de junho de 1954. Começara o golpe da CIA contra o regime do Presidente Jacobo Arbens Guzemán... Naquela tarde, o coronel Carlos Castilho-Armas, exilado guatemalteco treinado pelos Estados Unidos, cruzara a fronteira com Honduras em companhia de 150 homens. A invasão estava agora em pleno andamento, contando com a aprovação prévia e integral do presidente Eisenhower... Aquilo que a CIA planejara com um golpe fulminante arrastou-se por doze dias difíceis... E o presidente dos Estados Unidos, passando por cima das objeções do Departamento de Estado, sentiu-se forçado a enviar, clandestinamente, mais três aviões de caça para levar a bom término a revolta da CIA na República das Bananas. Ao contrário do que ocorreu na Baía dos Porcos, em Cuba, a operação de 1954 na Guatemala teve êxito. Tal como no Irã, no ano anterior, a ação na Guatemala constituiu um dos primeiros triunfos da CIA no ramo da derrubada de governos. (...) Como presidente, Arbenz, em 1952, tentou fazer alguma coisa para corrigir a injusta estrutura de distribuição de terra do país. Empreendeu um programa de reforma agrária, mas, como era de se prever, conseguiu unicamente por em pé de guerra os pequenos fazendeiros, os grandes latifundiários e a *United Fruit Company*. (...) O mais poderoso elemento militar no golpe era a força aérea da CIA. O punhado de aparelhos P-47 *Thunderbolt* e

Foreign Policy Since 1938), Penguin Books, 7a. edição revista, London, 1993, pp. 148-149.

os aviões de transporte C-47 tinham como base o Aeroporto Internacional de Manágua”.⁶

CONGO: Quando as pressões aumentaram e a independência chegou, em 1960, havia menos trinta africanos formados em curso superior em todo o território. Não havia oficiais, engenheiros, agrônomos ou médicos congolezes. A administração da colônia pouco fizera para que um dia o Congo pudesse ser governado por seu próprio povo: dos cerca de 5 mil cargos do serviço público em nível administrativo, apenas três eram ocupados por africanos. O rei Balduino da Bélgica chegou a Léopoldville para conceder oficialmente a independência ao Congo. Na ocasião, de modo um tanto superior, disse o seguinte; “cabe agora aos senhores cavalheiros nos mostrar que são digno de nossa confiança”. O discurso irado com que Patrice Lumumba respondeu de improviso ao rei chamou a atenção do mundo. Pouco menos de um mês antes, Lumumba havia sido eleito primeiro-ministro de um governo de coalizão. Fora a primeira eleição geral democrática do Congo. Na substância, ainda que não na forma, seria também a última pelos próximos 35 anos. Lumumba acreditava que a independência política não era suficiente para libertar a África de seu passado colonial; era preciso também que o continente deixasse de ser colonizado

⁶ David Wise e Thomas B. Rose, *O Governo Invisível* (As Forças Ocultas nos Estados Unidos), 2a. edição, trad. de Jório D. Magalhães da Silva, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pp. 174-175, 178 e 182. Consultar também: David Horowitz, *From Yalta to Vietnam* (American Foreign Polity in the Cold War), Penguin Books, London, 1971, cap.10: “*Coup* in Guatemala”; Stephen Schlesinger e Stephen Kinzer, *Fruta Amarga* (La CIA en Guatemala), Siglo Veintiuno Editores, México, 1987.

economicamente pela Europa. De imediato, soaram os alarmes nas capitais ocidentais. Corporações britânicas, belgas e americanas tinham vastos investimentos no Congo, país rico em cobre, cobalto, diamante, ouro, estanho, manganês e zinco. Orador inspirado, cuja voz ultrapassou rapidamente as fronteiras do país, Lumumba era uma figura carismática e astuciosa. Sua mensagem, temiam os governos ocidentais, era contagiosa. Pior ainda, não havia o que pudesse comprá-lo. Não encontrando simpatia no ocidente, Lumumba pediu auxílio à União Soviética. Anátema para o capital europeu e norte-americano, tornou-se um líder cujos os dias estavam contados. Menos de dois meses após ser nomeado com o primeiro chefe de Estado democraticamente escolhido pelo o Gongo, uma submissão para operações secretas para o conselho de segurança Nacional dos Estados Unidos, da qual participou o chefe da CIA, Allen Dulles, autorizou seu assassinato, Richard Bissell, chefe de operações da CIA na época, diria mais tarde: “O presidente (Dwight D. Eisenhower) teria de longe preferido que se lidasse com ele de uma outra forma que não fosse o assassinato, mas considerava Lumumba, assim como eu e tantas outras pessoas, um desvairado... e queria o problema resolvido. As alternativas para se lidar com “o problema” foram pesadas na balança, entre as quais o veneno (foi enviada uma dose ao chefe da CIA em Léopoldville), um rifle de alta potência ou assassinos de aluguel. Mas era difícil chegar perto o bastante de Lumumba para usar qualquer desses métodos, de modo que a CIA optou por apoiar grupos contrários ao primeiro-ministro dentro do governo fragmentado do Congo, na esperança que eles fizessem o trabalho. E assim foi. Depois de ser preso e sofrer uma série de espancamentos, Patrice Lumumba foi secretamente fuzilado em Elizabethville, em janeiro de 1961. Um agente da CIA acabou ten-

do que rodar a cidade com o corpo no porta- malas, tentando encontrar um lugar para deixa-lo. Não há como saber se, se caso tivesse sobrevivido, Lumumba teria permanecido fiel a sua retórica e às esperanças que representava para tantas pessoas na África e em outras partes do mundo. Mas os Estados Unidos providenciaram para que não chegassem a ter essa chance”.⁷

CUBA: Esta é uma história que atravessa grande parte das décadas de Guerra Fria, prosseguindo depois e entrando pelo século XXI: há mais de 40 anos, as elites governantes e as classes dominantes dos Estados Unidos dedicam-se a bloquear, desestabilizar e mutilar o regime socialista de Cuba, no empenho de reintegrar Cuba no zona de influencia norte-americana, de acordo com a Doutrina Monroe, formulada no século XIX; e de acordo com as diretrizes da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do tratado Interamericano de Assistência Recíproca, (TIAR), ambos criados por indução dos governantes norte-americanos nos inícios da Guerra Fria; bem como de acordo com a geopolítica norte-americana enraizada no complexo industrial-militar e na poderosa e lucrativa indústria do anticomunismo, em garantia do capitalismo, contra todo e qualquer experimento socialista alternativo, compreendendo outro modo de produção e outro processo civilizatório.

⁷ Adam Hochschild, *O Fantasma do Rei Leopoldo* (Uma História de Cobiça, Terror e Heroísmo na África colonial) Trad. de Beth Vieira, Companhia das Letras, São Paulo, 1999, pp. 312-313. Consultar também : Richard J. Barnett, *Intervention and Revolution*, citado, pp. 243-251

Para instituir, organizar e desenvolver o regime socialista, o governo cubano nacionalizou empresas estrangeiras, simultaneamente à realização de várias reformas e à adoção de novas instituições, envolvendo o trabalho e a produção, a propriedade e a distribuição da riqueza social, as garantias de educação, saúde e habitação, além de outros aspectos da vida nacional; bem como das relações com outros povos da América Latina, Caribe e outras partes do mundo. Em resultado e em continuidade da revolução, simultaneamente nacional e social, iniciou-se em Cuba a formação de uma sociedade socialista, baseada em outra e nova forma de organização social do trabalho, produção, propriedade, distribuição da riqueza social e organização do poder político nacional, redefinindo-se as formas de sociabilidade e os jogos de forças sociais; compreendendo outros modos de ser, estilos da vida e visões de mundo.

“Antes da Revolução, havia apenas um pequeno trecho de praia reservado ao público, diante das 22 milhas de praias privatizadas, em torno de Havana. Agora, todas as praias estão abertas ao público e elas são aproveitadas por milhares de cubanos, que antes não tinham acesso a elas. A educação tem sido drasticamente renovada. O analfabetismo está sendo reduzido e há agora o dobro de escolas, em comparação com o que havia antes da revolução... Antes, somente os filhos dos ricos podiam entrar na Universidade. Agora, todo aquele que é qualificado é admitido. Os camponeses sem terra de antes agora trabalham em cooperativas, ou recebem pequenos lotes de terras expropriadas. Os funcionários do poder público tem direito a habitação, cuidados médicos e salários. Praticamente todos os que já passaram a idade escolar tem emprego. Antes da Revolução, o nível de desemprego era cerca de 20 por cento, um dos mais altos do mundo. Mais importante do que tudo, são o senso de dignidade e de orgulho nacionais, associados à revolução. Depois

de seis décadas na condição de colônia econômica dos Estados Unidos, os cubanos, a despeito de falhas e severas carências de certos produtos de consumo, estão imensamente orgulhosos do desafio bem sucedido de Castro diante do gigante norte-americano. A persistência da hostilidade dos Estados Unidos indubitavelmente fortalece a aura de independência corajosa de Castro.”⁸

Para fundar e desenvolver a nova sociedade, com as suas condições e possibilidades políticas, econômicas, sociais e culturais, o povo cubano tanto recriou as suas instituições nacionais como reformulou as suas relações internacionais. Em face do bloqueio sistemático e agressivo por partes das agências governamentais norte-americanas, buscou novas relações e novas alianças, priorizando necessariamente as nações nas quais também se ensaiavam experimentos socialistas. À medida que se consolidava o regime socialista cubano, tornava-se ainda mais brutal a agressividade da geopolítica norte-americana, compreendendo as mais diversas operações e técnicas, desde a invenção da Baía dos Porcos, organizada pela a CIA com forças mercenárias, até à infiltração de agentes provocadores, às sabotagens no interior da sociedade cubana e às tentativas de envenenamento de dirigentes nacionais. Além disso, os membros da junta de governo norte-americano sempre se empenharam em pressionar governos no Caribe, América Latina e outras partes do mundo, no sentido de criar dificuldades para o governo, o regime e o povo cubanos; porque estão contribuindo para

⁸ J. William Fulbright; *The Arrogance of Power*, Vintage Books, New York, 1966, p.99. Quando publicou este livro, o senador J. William Fulbright era presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos. Consultar também: T.E. Vandney, *The World Since 1945*, Second edición, Penquin Books, London, 1992, esp. Cap. 7: “A Neo-colonial World: Latin America”; Martin Walker, *The Cold War (And the Making of the Modern World)*, Vintage, London, 1994, esp. Cap.7: “The Cuban Missile Crisis”.

o florescimento de outros modos de ser, outros estilos de vida, outras visões do mundo.

Essa é uma história que ainda não terminou. No início do século XXI, quando faz tempo que terminou a Guerra Fria, as elites governantes e as classes dominantes norte-americanas continuam empenhadas em bloquear, desestabilizar e mutilar o regime socialista em Cuba; assim como em todas as partes do mundo.

Esta é uma longa e tortuosa história, impregnada de discursos ideológicos, alegações “humanitárias”, compromisso com a “democracia”, defesa da “civilização ocidental e cristã”, preservação dos interesses das nações capitalistas dominantes, garantia das atividades das corporações transnacionais, reafirmação do capitalismo; isto é, da reprodução ampliada do capital, expandindo-se através de territórios e fronteiras, povos e nações, culturas e civilizações.⁹

Vale a pena conhecer melhor uma expressão provavelmente típica da mentalidade geopolítica com a qual se exerce a supremacia norte-americana em diferentes partes do mundo. Em uma formulação breve e franca, de 1993, um general esclarece com desenvoltura de caserna a sua missão civilizatória.

“Ajudei a tornar Honduras “certa” para as empresas americanas de frutas em 1903. Ajudei a tornar o México, especialmente Tampico, seguros para os interesses petrolíferos americanos em 1914. Ajudei a tornar o Haiti e Cuba um lugar decente para os rapazes do Nacional City Bank recolherem lucros. Ajudei no estupro de meia dúzia

⁹ Richard J. Barnett, *Intervention and Revolution (America's Confrontation with Insurgent Movements Around the World)*, Meridian Books, New York, 1968; David Horowitz, *From Yalta to Vietnam (American Foreign Policy in the Cold War)*, Penguin Books, Londres, 1971; James E. Dougherty e Robert L. Pfaltzgraff Jr., *American Foreign Policy (FDR to Reagan)*, Haper & Row, New York, 1986.

de repúblicas da América central para o benefício de Wall Street. O registro de banditismo é longo. Ajudei a purificar as Nicarágua para a empresa bancária internacional dos Brown Brothers em 1909-1912. Levei luz à República Dominicana para os interesses do açúcar americano em 1916. Na china, ajudei a garantir que a Standar Oil não fosse molestada”.¹⁰

Sem esquecer as numerosas operações imperialistas das elites governantes e classes dominantes norte-americanas durante o século XIX, continuando no século XX, cabe reconhecer que com o término da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, os Estados Unidos da América do Norte se impõem como a única e mundial nação imperialista. Desde o declínio dos imperialismo europeus e desde o bloqueio ideológico, econômico, político e militar desenvolvido contra a União Soviética, a China, Cuba e outras nações socialistas, os governantes norte americanos posicionam-se e atuam como os guardiões da “lei e ordem”, em escala mundial. Apoiados em alianças, acomodações, oportunismo e cumplicidades de governantes europeus e de outras nações, inclusive na América Latina, Ásia e África, os governantes norte-americanos formulam, desenvolvem e aplicam as mais diversas operações de sua geopolítica, em diferentes países, ao acaso das conveniências do seu poder econômico e militar, isto é, do seu complexo industrial-militar.

Essa é uma história que precisa ser conhecida, ainda que de modo breve, a despeito de sua extensão, da quantidade excepcional de conhecimentos envolvidos; e das desestabilizações, mutilações e des-

¹⁰ Smedley Butler (1888-1940), citado por Tariq Ali, o *Confronto de Fundamentalismo* (Cruzadas, Jihads e Modernidade), trad. de Alves Calado, Editora Record, Rio de Janeiro, 2002, p. 362.

truições realizadas e em curso, algo fundamental para o conhecimento do quem tem sido o século XX e o que está sendo o século XXI. Essa é uma época da história que se inicia com a transformação da União Soviética em inimigo principal. Logo ao fim da Segunda Guerra Mundial inicia-se a imensa e sofisticada “indústria do anticomunismo”, altamente lucrativa para as elites governantes e classes dominantes norte-americanas, bem como de outras nações em diferentes partes do mundo.

“Quando, após a guerra, foi feito o primeiro censo da população da União Soviética, resultou que nos grupos de idade que contavam, no final da guerra, mais de 18 anos, ou seja, em toda a população adulta da União Soviética, havia apenas 31 milhões de homens comparados com 53 milhões de mulheres. Durante muitos e muitos anos, apenas velhos, aleijados, crianças e mulheres lavraram os campos nas zonas rurais. Senhoras idosas que tinham que limpar, nada mais que com apenas suas mãos, os enormes montes de entulho das cidades e aldeias destruídas. E essa nação perdera 20 milhões de homens apenas mortos – imaginem quantos dos 31 milhões de homens que ficaram vivos eram os aleijados e inválidos e feridos da Guerra Mundial, e quanto os velhos – essa nação com um *déficit* tão tremendo e tão enorme em sua população, essa nação da qual toda uma geração estava perdida, supunha-se que essa nação ameaçasse a Europa com uma invasão! E até bem recentemente a ameaça dessa invasão era ainda considerada real. A OTAN foi criada a fim de conter essa ameaça... Além do mais, desde o fim da guerra até a proclamação da Doutrina Truman em 1947, os rusos haviam desmobilizado tão rapidamente seus exércitos que os reduziram de onze e meio milhões de homens, no fim da guerra, a menos de três milhões. Apenas após a formação da OTAN recomeçaram a mobilização, mas tiveram tamanhas dificuldades com a força humana que no decorrer de outros três ou quatro anos não

alistaram mais do que dois milhões de homens. A Rússia não poderia absolutamente... a Rússia não poderia ameaçar ninguém em tal situação”.¹¹

“O poderio militar soviético não justificava as medidas de emergência adotadas em 1947, que incluíam um programa de lealdade (marcarthismo) que excedia até mesmo os rigorosos de restrições de guerra. A Rússia representava uma ameaça ideológica, não militar – uma ameaça ao “americanismo” mais do que à América, e a oposição se fez mais total porque a ameaça era mais sutil”¹².

Compreendia a superação do capitalismo pelo socialismo, um novo e diferente modo de produção e processo de civilização.

Desde então, a história do século XX, entrando pelo XXI, tem sido a história de uma vasta coleção de operações da “diplomacia total”, da geopolítica norte-americana, provocando queda e destruição de governos e regimes políticos, compreendendo a destruição de coisas, gentes e idéias, tudo que possa representar experiências sociais alternativas, outras formas de organizar o trabalho e a vida, outros modos de ser.

O que já era uma realidade nos inícios da Guerra Fria, logo generalizou-se e intensificou-se nos anos e nas décadas subsequentes, envolvendo indivíduos e coletividades, povos e nações: o mal-estar, a fadiga, a indignação, o protesto e a revolta multiplicaram-se em mui-

¹¹ Issac Deutscher, “Mitos da Guerra Fria”, em: David Horowitz (Organizador), *Revolução e Representação*, prefácio de Bertrand Russel, tradução de Genesio Silveira da Costa, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969, pp. 15-28; citação das pp. 15-16.

¹² Garry Willis, “Introducao” do livro de Lilian Hellman, *A Caças às Bruxas*, trad. de Thomson, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1981, pp. 1-21; citação das pp.7-8.

tos lugares do mundo, devido às “missões civilizatórias” norte-americanas. A despeito das alianças e convicções ou interesses e oportunismo, entre governantes americanos e de outros países, todos defensores da “civilização ocidental cristã”, amplos setores populares desses países não só padecem as operações geopolíticas como rebelam-se, pelos sofrimentos, desigualdades sociais e representações de que são vítimas. Daí a decepção, o protesto, a revolta e o “ódio mundial” de que falou C. Wright Mills em 1960; algo que se intensifica e generaliza nos anos e décadas subsequentes, entrando pelo século XXI.

Desde 1947, em todos os casos, a América tem sido a principal, pioneira e exclusiva a realizadora de estado de terror no Terceiro Mundo, de um modo amplamente dissimulado. Além da corriqueira desestabilização e deposição do governos, em sua competição com a União Soviética durante a Guerra Fria, Washington tem promovido assassinatos políticos, esquadrões de morte clandestinos e inúmeros “lutadores pela liberdade”... planejou o assassinato de Lumumba e Allende; e sem sucesso tentou assassinar Castro, Khadafi e Sadam Husseim; e tem vetado todos os esforços destinados a controlar não só as violações de acordos internacionais e resoluções norte-americanas por Israel, como também as suas práticas preventivas de terrorismo de Estado”.¹³

Nota-se que a geopolítica da “junta de governo” norte-americana, como diz Gore Vidal, compreendendo uma multiplicidade e sucessão de operação abertas e encobertas, desde as diplomáticas às

¹³ Arno J. Mayer, “Untimely Reflections”, citado por Gore Vidal, *Perpetual War for Perpetual Peace (How We Got to be so Hated)*, Thunder’s Mouth Press Books, New York, 2002, p. xii.

terroristas, todas as técnicas e variações da “diplomacia total” dos Estados Unidos da América do Norte, em cada lugar e em todo o mundo. A diplomacia total americana compreende tanto a negociação como a persuasão, a cláusula da nação mais favorecida como o bloqueio econômico-financeiro, político-militar, a pressão via organização multilaterais como a geoeconomia das corporações transnacionais e os indícios hierarquizados dos escritórios de classificação de credibilidade de países, o terrorismo psicológico via meios de comunicação de massa como o terrorismo de Estados, esquadrões da morte e exércitos mercenários organizados pelo CIA, como invasão e ocupação militar, destruição de objetivos militantes e “danos colaterais”, atingindo residências civis, logradouros públicos, escolas, hospitais, campos e plantações.

Faz tempo que povos e nações, governos e regimes políticos, experimentos sociais alternativos de todos os tipos, estão pagando um preço excepcional pela transformação dos Estados Unidos da América do Norte em uma poderosa mortífera máquina de guerra. Uma máquina de guerra que se movimenta em nome da “democracia” e da civilização ocidental cristã, signos com os quais são satanizados povos e nações, culturas e civilizações. Uma máquina de guerra moderna, sofisticada, eletrônica e virtual, com a qual realizam-se operações nos quatro cantos do mundo. A máquina de guerra do complexo industrial militar, com o qual se organiza e expande a “nova ordem econômica mundial”, o neoliberalismo como prática e ideologia, isto é, o capitalismo.

“Os Estados Unidos gastam mais com a defesa do que a Rússia, China, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Japão e Índia juntos. So-

mente os EUA podem interferir quando quiserem e sem auxílio em qualquer parte do globo. Sua capacidade para mobilizar apoio aéreo em tempo real e no lugar preciso, demonstrada em Kosovo e no Afeganistão, ameaça qualquer agressor em potencial e permite que empreenda uma guerra quase sem baixas. A radical disparidade em tecnologia militar tende a persistir e mesmo aumentar, já que os Estados Unidos gastam cinco vezes mais em pesquisa e desenvolvimento bélico do que à Europa inteira – na verdade, mais do que qualquer outro país despende com seu *establishment* militar inteiro.¹⁴

Tem sido muito alto, altíssimo, o custo de vida humanas, bem como em experiências sociais alternativas, devido às destruições promovidas pelas operações abertas e clandestinas, diplomáticas e terroristas, desenvolvidas pela geopolítica mundial norte-americana. É como se a humanidade tivesse sido e continuasse sendo mutilada em muito de sua criatividade. Mutilada em vidas humanas, agredida em sua natureza e privada de experiências e perspectivas novas, diferentes, tanto problemáticas e discutíveis como inovadoras e fascinantes. Experiências sociais com as quais poderiam e poderiam criar-se novas formas de sociedade, outros jogos de forças sociais, diferentes modos de ser, distintos estilos de vida.

¹⁴ Andrew Moravcsik, “A Potência Silenciosa”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 julho de 2002, p. A-22. Consultar também: Gabriel Kolko, *Century of war* (Politics, Conflict, and Society Since 1914), The New Press, New York, 1994, especialmente Part Three: “The United States, politics, and Warfare in a complex World, 1946-1991: The Limits of Power”. Consultar também: Seymour Melman, *pentagon capitalism* (The political economy of War) McGraw-Hill Book Co., New York, 1971.

3. FUNDAMENTALISMO

O que distingue a presença e atividade das elites governantes e classes dominantes norte-americanas nas suas relações internacionais é o compromisso persistente e reiterado com a “missão civilizatória” do Estados Unidos da América do Norte no mundo. De par-em-par com os seus interesses, atividades e compromissos, simultaneamente econômicos, financeiros, políticos, militares, culturais e sociais, o que se revela como linha mestra, como compromisso ético predominante, é dar continuidade a essa missão civilizatória, em forma pacífica, negociada, persuasiva e a ferro e fogo.

Herdeiros e continuadores do espírito dos “peregrinos”, “pais fundadores”, “pioneiros”, “missionários” e “heróis”, alguns inscritos nas montanhas rochosas, construtores de uma nação que se vê como excepcional, os setores dominantes da sociedade norte-americana sempre revelam-se empenhados em continuar, intensificar e expandir a missão, o profetismo, levando aos quatro cantos do mundo “democracia”, progresso, “lei”, “ordem”, “modernização” e “ascetismo”, isto é, consumismo, produtividade, lucratividade, terrorismo e fundamentalismo.

Vistas uma a uma e em conjunto, as doutrinas diplomáticas norte-americanas, sempre simultaneamente geopolíticas, reiteram e desenvolvem principalmente dois mitos fortemente arraigados no pensamento das elites governantes e classes dominantes: o mito da “fronteira sem fim” e o mito do “excepcionalíssimo permanente”. São mitos que se combinam, fertilizam e dinamizam com ingredientes do “protestantismo”, visto como religião ramificada em várias seitas e transformadas em culturas

secularizada.¹⁵ Daí a significação excepcional de alguns emblemas lançados pelas elites governantes e classes dominantes norte-americanas em momentos de nervosismo, arrogância e paroxismo: Armagedon, Império do Mal, Eixo do Mal, Justiça Infinita, Liberdade Duradoura, Guerra das Drogas, Guerra ao Terrorismo, Guerra ao Fundamentalismo. São emblemas com as quais se estabelecem e restabelecem, intensificam e generalizam os ideais e as práticas, os fins e os meios, com os quais a diplomacia norte-americana põe em ação a geopolítica da supremacia, em cumprimento da missão civilizatória conferida por Deus e Satã, à nação excepcional, ao farol da humanidade.¹⁶

Assim se desenha o mito do “povo eleito”, “predestinado” á realização da “missão civilizatória”, com a qual se levava aos outros povos e nações a democracia, a liberdade, a justiça, o bem, a prosperidade, a abundância, o paraíso e a lucratividade. A despeito das adversidades, desvios, malefícios e resistências, com os quais os outros povos e na-

¹⁵ Peter Beyer, *Religion and Globalization*, Sage Publications, Londres, 1994, esp. Cap. 5: “The New Christian Right in the United States”; Gilles Kepel, *A Revanche de Deus*, trad. de J. E. Smith Caldas, Editora Siciliano, São Paulo, 1991, esp. Cap. 3: “Salvar a América”; Carlos Eduardo Lins da Silva, “Puritanismo, Individualismo e Pragmatismo”, *Política Externa*, vol. 10, no. 3, Rio de Janeiro, 2001/2002.

¹⁶ Soren Hylkof e Peter Aaby (Editors), *Is God na American? (An Anthropological Perspective on the Missionary Work of the Summer Institute of Linguistics)*, Iwgia/Survival International, Document no. 43, Copenhagen, 1981; Richard Hofstadter, *Social Darwinism in American Thought*, Revised Edition, Beacon Press, Boston, 1967; J. William Fulbright, *The arrogance of power*, Vintage Books, New York, 1966; Amy Kaplan e Donald E. Pease (Editor), *Cultures of United States Imperialism*, Duke University press, Durhan e Londres, 1993; Abraham E. Lowerthal (Editor), *Exporting democracy (The United States and Latin America)*, The John Hopkins University Press, Baltimore e Londres, 1991; Noam Chomsky, *Novas e velhas ordens mundiais*, Scritta, São Paulo, 1996.

ções se manifestam, a missão civilizatória continua, pela negociação, persuasão, pressão e desestabilização, ou a ferro, fogo e destruição; tudo isto impregnado das idéias de “bem” e “mal”, “pecado”, “castigo” e “redenção”, ou “Armagedon” e “Civilização”.

“Quem são os auto-eleitos emissários de Deus que forjam tanta violência no mundo? São homens de doutrina, homens de fé e idealismo, homens que confundem poder com virtude, homens que crêem em alguma causa sem duvidar e praticam suas crenças sem escrúpulos, homens que não deixam de ser seres humanos, com preferências normais pelo trabalho, o divertimento e a família, mas tornam-se personificações, anseios e vida de alguma fé ou ideologia. (...) Há algo em nossa história e em nosso caráter nacional que é congênere do espírito e da cruzada ideológica. Os puritanos que vieram para a Nova Inglaterra no século XVII não estabeleceram sua fé como a mais importante religião da América, mais o modo puritano de pensamento – áspero, ascético, intolerante, prometendo salvação para poucos, mas a danação para muitos - o que se tornou a maior forças intelectual na vida americana... Quando as coisas estão indo muito mal por muito tempo, ou quando as razões da adversidade está aparecendo obscuras, ou simplesmente quando algum evento ou líder de opinião levou o povo a um elevado estado de exaltação, nosso espírito puritano tende a irromper, levando-nos a ver o mundo através do prisma distorcido e raivoso puritanismo... A cruzada puritana tem muito a ver com alguns lamentáveis e trágicos acontecimentos da história americana. Ela nos leva a aventuras e vitórias desnecessárias e dispendiosas, que se pulverizaram em nossas mãos”.¹⁷

¹⁷ J. William Fulbright, *The Arrogance of Power*, Vintage Books, New York, 1966, pp. 248,250 e 251-252. Quando publicou este livro, o senador J. William Fulbright era presidente do Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos da América do Norte.

O que está em causa, em última estância, é a “predestinação”. Ninguém sabe se será salvo, nem indivíduo nem coletividade, nem povo e nação. Daí o convívio cotidiano com o trabalho obstinado, a dedicação plena, atividade constante, o respeito à lei e ordem, o compromisso com a comunidade, a filiação à igreja dominical, a expiação cotidiana; de modo a evitar o desvio, o pecado, a danação. Já que ninguém, indivíduo, coletividade, povo ou nação, sabe-se se está ou não predestinado à salvação, a única salvação é aplicar-se na profissão, realizar da melhor forma possível a vocação; e aguardar resignado o julgamento final, trazendo a redenção ou a danação.

Essa é, em forma breve, a historia da metamorfose da “Nova Inglaterra Peregrina” na “América Excepcional” destinada a cumprir a sua missão de “Farol da Humanidade”; transfigurando o ocidentalismo em americanismo e realizando as virtualidade edificantes e brutais do capitalismo na época do globalismo.¹⁸

A rigor, já são muitos que estão cansados da supremacia dos Estados Unidos da América do Norte nos assuntos mundiais. Ao mesmo tempo que elites governantes e classes dominantes, em todo o mundo, estão solidarias, cúmplices ou beneficiárias dessa supremacia, outro, muitos outros, estão intrigados, cansados, em desacordo, contrários e indignados. Mesmo porque essa supremacia tem sido exces-

¹⁸ Henry Kissinger, *La diplomacia*, trad. de Mónica Utrilla, Fondo de Cultura Económica, México, 1996; Zbigniew Brzezinski, *Out of Control (Global Turmoil on the eve of the Twenty-first century)*, Simon & Schuster, New York, 1995; Samuel P. Huntington, *O Choque de Civilizações (E a Recomposição da Ordem Mundial)*, Trad. de M.H.C.Cortes, Editora objetiva, Rio de Janeiro, 1997; Condolezza Rice, “Promoting the National Interest”, *Foreign Affairs*, vol. 79, n 1, New York, 2000, pp .45-62; Arthur M. Schlesinger Jr., *Os Ciclos da História Americana*, trad. de Raul de Sá Barbosa, Civilizações Brasileiras, Rio de Janeiro, 1992.

sivamente ruidosa e problemática, gerando acomodações e crises, bloqueios e desestabilizações, mutilações e destruição de experiências sociais alternativas, principalmente de cunho socialista; gerando inquietações, protesto, revoltas, revoluções, guerras. Uma supremacia que se propõe e realiza em termos de poder econômico e poder militar tomando como fundamentos para tudo o que é local, nacional, regional e mundial, impondo-se a indivíduos e coletividades, povos e nações, culturas e civilizações. Essa é a supremacia gerada como geopolítica das elites governantes e classes dominantes norte-americanas, enraizadas no complexo industrial-militar. Trata-se da supremacia de uma vasta e poderosa tecnoestruturas estatal, acoplada com as vastas e poderosas tecnoestruturas das corporações transnacionais; com as quais se resgatam e recriam, todo o tempo, os mitos “peregrinos” do “excepcionalismo” da nação da “fronteira sem fim”; pondo em prática o “fundamentalismo calvinista”, isto é, a “missão civilizatória” dos Estados Unidos da América do Norte no mundo; tudo isso recobrando o expansionismo de modo de produção capitalista que se estende, também a ferro-e-fogo pelos quatros cantos do mundo.

Tudo isso articulado em termos de uma visão sistêmica do mundo. Os diferentes setores da sociedade nacional, assim como da sociedade mundial, são visto em termos da teoria sistêmica, com a qual se enfatiza o predomínio do equilíbrio, da auto-reprodução, da integração das dissidências, ou expulsão e supressão da dissidências mais originais, diferentes, incomodas. Daí resulta uma visão administrativa e administrada, amplamente regulada, das formas de sociabilidade e dos jogos de forças sociais, bem como do funcionamento, organização e mudança da sociedade, compreendendo evidentemente, os meios de comunicação; de tal modo que todos os aspectos sejam equacionados

como, previsíveis ou, pelo menos, nada interativos. Toda a realidade social, em sentido lato, compreendendo os setores e as atividades econômicos, políticos culturais, é vista como devendo organizar-se e mover-se em termos da lei e ordem, desempenho e produtividade, eficácia e lucratividade. Aí está mais um elemento importante, com o qual se alia o maniqueísmo do fundamentalismo calvinistas secularizado, difuso ou exacerbado, no curso das operações geopolíticas que se sucedem principalmente desde o início da Guerra Fria.

Essa é a realidade com a qual se germina o cansaço, uma fadiga evidente e crescente, que se recobre e exagera, intensifica e generaliza, à medida que as elites governantes e as classes dominantes norte-americanas revelam-se incapazes de compreender e aceitar a diversidade, pluralidade ou multiplicidade. São ações insistentes e intempestivas, arrogantes e agressivas, que, além de brutalizarem toda e qualquer forma alternativa de governo e regime político, provocam mal-estar permanentes e difuso, subreptício e pervasivo, que atinge coisas, gentes e idéias, modos de ser e agir, perspectivas e atividades, realizações e ilusões.

“Nós países pobres do mundo de hoje, o que estão dizendo? OS americanos ricos só prestam atenção à violência – e ao dinheiro. Você não se importa com o que dizem, americano? Melhor para você. Mesmo assim, podem insistir: As coisas já não estão sob o controle de antes. Você já não vai tão bem, americano – seu país, ao que se parece, bem pode tornar-se o alvo do ódio mundial, a um ponto jamais sonhado pelos americanos bonachões”.¹⁹

¹⁹ C. Wright Mills, *Poder e Política*, trad. de Waltensir Durtra, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965, p.135; citação do cap. VIII: “A Nova Esquerda”, publicado inicialmente em 1960. Consultar também: Geoffrey Barraclough, *Introdução à História Contemporânea*, trad. de Álvaro Cabral, 4ª edição, Zahar EDITORES, Rio de Janeiro,

Mais uma vez está em curso a dialética das relações sociais, dos jogos das formas sociais, dos movimentos da História: de tanto satanizar o outro, diferente, alternativo, os Estados Unidos contaminam-se na própria ira, tornam-se prisioneiros dela, não podem viver sem alimenta-la indefinidamente. Estão sempre em tensão, disputa ou guerra com o diferente, alternativo, novo ou surpreendente, definido como adversário, inimigo.

Sempre, um inimigo é indispensável, seja ele real ou imaginário. Devidamente elaborado e reelaborado, com ampla e ativa colaboração de corporações da mídia, permite mobilizar e conquistar a opinião pública, fundamentar a definição de fins e meios, desenvolver e acionar a portentosa máquina de guerra do complexo industrial-militar habituada a flexionar seus músculos, exibir a sua audácia, realizar a destruição das coisas, gentes e idéias, para exemplo dos sobreviventes e gerações futuras.

“Os americanos têm necessidade de encontrar moralidade no trabalho, atrás do sucesso material. A fortuna se justifica... como recompensa pela virtude e pelo esforço. Jamais duvidamos do nosso direito de usar instrumentos absolutos de destruição na Segunda Guerra Mundial- tempestades de fogo artificialmente criadas, bombardeios de saturação, bombas de napalm, nossas duas bombas atômicas – a fim de fazer valer nossas exigências de rendição incondicional. Nossa vitória *tinha* de ser total, porquanto lutávamos contra o mal total... alcançamos esse prazer refinadíssimo – o ódio virtuoso. A matança por uma idéia ... a matança ideológica... E se a idéia se esconde por trás de um exterior inofensivo e respeitador ?

ro, 1976, esp. Cap. VI: “a revolta contra o ocidente”; Howard Zinn, *The Twentieth Century*, Harper Perennial, New York, 1998; Gore Vidal, *The Last Empire* (Essays 1992-2000), Doubleday, New York, 2001.

Nesse caso devemos nos precaver contra todas as amenidades normais e atrações pessoais. E, então, lançamos uma cruzada - a ser seguida por uma inquisição. É difícil descermos de um “ápice” de ódio justificado”.²⁰

O inimigo indispensável, real ou imaginário, pode ser o “comunismo”, o “terrorismo”, o “fundamentalismo”, o “narcotráfico”, o “eixo do mal” ou outro; podendo ser visível ao incógnito, localizado ou ubíquo, pouco evidente ou perversivo; sempre uma poderosa e assustadora ameaça à “democracia”, à “civilização ocidental cristã”.

A existência de um inimigo real, ou a invenção de um inimigo ideal, fundamenta objetivos e meios da missão salvadora e da purificação ideológica, bem como a realização de interesses políticos-econômicos e sócio-culturais, tudo isso acionado pelo vasto e crescente complexo industrial-militar, no qual multiplicam-se tecnologia eletrônicas mortíferas, com as quais são atingidos alvos próximos e remotos, visíveis e invisíveis, de modo a realizarem-se danos definidos, desejados e alcançáveis, bem como “danos colaterais”, também definidos, desejados e alcançáveis.

²⁰ Garry Williams, Introdução do livro de Lillian Hellman, *A caça às bruxas*, trad. de Tonie Thomson, Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1918, pp. 1-21; citação das pp. 8-9.

4. BARBÁRIE

Em geral, o terrorismo parece um acontecimento isolado, fortuito e imprevisível, ainda que brutal e devastador. Com ele se cria estado de apreensão, medo, pânico, mas sempre tende predominar a impressão de que se trata de algo excepcional. Parece um raio que cai em um dia de céu azul, algo inexplicável, injustificável, devido à crueldade, à insânia.

Vale a pena refletir um pouco sobre o terrorismo, buscando-lhe nexos, significados, revelações. É provável que o terrorismo seja a parte mais visível do *iceberg*, uma expressão surpreendente, brutal e devastadora de uma realidade social que leve sempre consigo algo de surpreendente, brutal, destrutivo. É provável que o terrorismo tenha alguma ou muita relação com a violência aberta ou difusa, a guerra latente ou declarada, as lutas pelo poder; sempre em escala nacional e mundial.

O terrorismo está sempre presente, encoberto, subreptício, anônimo, clandestino, assustador, terrificante. Destrói coisas, gentes e idéias, abalando modos de ser, subjetividade, relações, expectativas, possibilidades, impossibilidades. Manifesta-se em diferentes setores da sociedade, em distantes épocas da história, atingindo o público e o privado, o indivíduo e a coletividade, o poder constituído e o poder emergente, a soberania estabelecida, e a hegemonia em formação. Parece ser o último recurso, a opção desesperada e enlouquecida de seus agentes individuais ou coletivos, partidos políticos ou organizações sociais, aparelhos estatais ou organizações transnacionais, instituições visíveis ou agências invisíveis. Parece ocasional, episódico ou intermitente, podendo eclodir nesta ou naquela conjuntura, situação crítica

ou manhã de sol de uma terça-feira que parecia fluir em paz; mas pode revelar-se constante, freqüente, constitutivo, inerente. Ocorre que o terrorismo é uma manifestação de violência aberta, velada ou difusa, que se produz contínua e reiteradamente na fábrica da sociedade.

Houve um momento que o terror foi a “guilhotina”. Depois, foi a “câmara de gás”. Em seguida tem sido o “napalm”. Também o “suicida explosivo”, a “suicida explosiva”. Assim como o “bioterrorismo” e o “terrorismo atônico”. Já é longa e múltipla a relação das técnicas do terror, mobilizadas no curso da história dos tempos modernos, compreendendo desde o suicida e o dano colateral programado as bombas atônicas já utilizadas e às bombas atônicas continuamente ameaçadas. Seria possível compor uma relação sem fim, na qual entram as mais diversas e engenhosas técnicas, compreendendo agentes e vítimas, coisas e idéias, expectativas e idéias, modos de ser e ilusões; podendo ser técnicas brutais e subliminares, manifestas e imperceptíveis, devastadoras e sofisticadas; mobilizando uma das conquistas da modernidade.

Em geral, o terrorismo é apenas uma técnica de violência, assustadora, espetacular, mortífera; mas apenas uma técnica de violência. Nunca o terrorismo esgota-se em si, como se fora um ato solto na sociedade, geografia, história, cidade. Ao contrario, todo ato terrorismo, seja individual ou coletivo o seu agente, é fato social, político, histórico. Está inserido no jogo das forças sociais, enraizando-se em inquietações e frustrações, reivindicações e protestos desesperos e ilusões. As alegações dos seus agentes e das vítimas são um dado fundamental para o seu entendimento, mas nunca suficientes. Raramente as alegações de uns e outros, agentes e vítimas, cúmplices e adversários, esclarecem plenamente o acontecimento. Podem haver jogos de

forças sociais, compreendendo política e economia, cultura e ideologia, religião e etnia, que escapam ao discernimento dos agentes e vítimas, cúmplices e adversários. Raramente eles se dão conta das raízes e dos nexos sociais dos quais são atores e títeres.

O homem-bomba e a mulher-bomba são expressões extremas, brutais, desesperadas e inextricáveis do terrorismo com o qual se inicia o século XXI. São manifestações paroxísticas da fábrica de violência em que se transformaram a sociedade nacional, as relações internacionais e a nascente sociedade civil mundial. Não se situam apenas no Oriente Médio, já que povoam o imaginário e as inquietações de indivíduos e coletividade na África, Ásia, Europa e América. Alguns já se manifestaram em New York e Washington, no dia 11 de setembro de 2001, quando transformaram aviões domésticos de passageiros em mísseis balísticos intercontinentais, atingindo dois símbolos da supremacia mundial dos Estados Unidos da América do Norte: o poder econômico e o poder militar. Isto significa que também o terrorismo está em processo de globalização, já que a fábrica de violência está também em curso de globalização.²¹

Esse, novamente, é o maior e fundamental desafio: desvendar o nexos sociais, os jogos de forças sociais, as tensões e os antagonismo

²¹ Le Monde Diplomatique, 11 de septembre 2001: *Ondes de Choc*, Paris, novembro-dezembro 2001, no. 60 da coleção "Manieri de Voir"; *Newsweek*, abril 15, 2002, "Special Report: War in the Mideast", pp.18-37; *Businessweek*, February 1, 2002, "Special Report: 6 Key Questions for a Fragile World" pp24-37; Strobe Talbott e Nayan Chanda (Organizadores), *A era do terror*, trad. de Cristiane Serra, Editora Campus, Rio de Janeiro; Gabriel Kolko, *Century of war* (Politics, conflict and society since 1914), The News, 1994; Gore and Society Since 1914), The New Press, New York, Gore Vidal, *Perpetual War for Perpetual Peace* (How we got to be so hated), Thunder's Month Press, New York, 2002.

que germinam o terrorismo. É claro que se podem descobrir traços de personalidades, filiações políticas, religiosas ou outras, bem como condição étnica e outras determinações, lançando luz sobre as motivações e alegações do agente ou agentes. Mas também tem importância o esclarecimento dos jogos de forças sociais, compreendendo tensões e contradições constitutivas do contexto sociocultural e político-econômico no qual se situam o agente e a vítima, o objetivo e a técnica, o alvo e a determinação. São dois feixes de determinações indispensáveis para o esclarecimento de boa parte do acontecimento, em si e em suas implicações imediatas e mediatas; sendo que em alguns casos os acontecimentos pode assimilar uma ruptura, ou reorientação, mais ou menos drástica no curso do acontecimentos; adquirindo o significado de um evento heurístico, uma espécie de experimento excepcional, com o qual se pode ver mais claro o que é o presente, desvendar uma de suas raízes insuspeitadas e vislumbrar tendências prováveis, aterradoras ou fascinantes. Nesse sentido, é que o ato terrorista pode revelar-se reacionário, fundamentalista, fascista, nazista, anarquista, niilista ou revolucionário. Explica-se pelos jogos de forças sociais nos quais se insere.

Ocorre que a sociedade é uma fábrica de violências, mutilando ou destruindo coisas, gentes e idéias, subjetividade e formas de sociabilidade, modos de ser e estilos de vidas. São as muitas formas de violência com as quais convivem indivíduos e coletividade, povos e nações; compreendendo o terrorismo e a tortura, a diáspora e o holocausto, a riqueza e a escravidão, a câmara de gás e o campo de concentração, o esquadrão da morte e o terrorismo de Estado, o boato destinado a intimidar setores sociais e o noticiário que leva consigo a criminalização da sociedade civil, a multiplicação de organizações para-militares especializadas em

segurança e a proliferação de redes de câmaras fotográficas e cadeias eletrônicas encadeadas, vigilantes, eletrizantes.

“O poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos. Onde quer que se combinem, o poder é... o fator fundamental e predominante... A violência... não depende de números ou de opiniões, mas sim de formas de implementação, e as formas de implementação da violência... como todos os demais instrumentos, aumentam e multiplicam a força humana. Aqueles que se opõem à violência com o mero poder, sendo descobrião que se confrontam não com homens, mais sim por artefatos fabricados pelo homem, cuja a desumanidade e forças de destruição aumentam em proporção à distância a separar os inimigos. à violência sempre é dado destruíção o poder...”²²

“O alfa e o ômega da teoria política é o problema do poder: como o poder é adquirido, como é conservado e perdido, como é exercido, como é defendido e como é possível defender-se contra ele”.²³

O poder e a violência combinam-se de forma excepcional na guerra. Nela, todas as técnicas de poder e violência combinam-se e potenciam-se. Sob vários aspectos, a guerra pode ser vista como a mais complexa e avassaladora matriz da violência, destruição, mortalidade, mutilação.

Faz tempo que o mundo está em guerra. O século XXI foi, todo ele, um século de uma guerra que não termina, entrando pelo século XXI; como se fosse um terremoto sem fim, uma vasta operação de

²² Hannah Arendt, *Da violência*, trad. de Maria Drumond Trindade, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1985, pp 28 e 29 .

²³ Norberto Bobbio, *A Era dos Direitos*, Trad. de Carlos Nelson Coutinho, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1992, p. 143.

destruição de coisas, gentes e idéias, cidades, povos e nações, modo de ser e estilo de vida.

“Entre 1º de agosto de 1992 e 16 de dezembro de 1998, aeronaves do Reino Unido lançaram 2,5 toneladas de bomba sobre a zona de exclusão aérea no sul do Iraque... Entre 20 de dezembro de 1998 e 17 de maio de 2000, a aviação britânica lançou 78 toneladas de bombas sobre a mesma área... ao longo de 1999 a 2000, os Estados Unidos e o Reino Unido fizeram chover umas quatrocentas toneladas de bombas e mísseis no Iraque... Aviões de combate americano continuaram a atacar o Iraque de maneira metódica, praticamente sem dar satisfação ao povo americano... Em outubro oficiais americanos declararam ao *Wall Street Journal* que em pouco tempo já não dispunham mais de alvos: “Já estamos chegando a última casinha com privada”. Quando o ano terminou, as forças anglo-americanas haviam contabilizado 6.000 missões e lançado mais de 1.000 bombas sobre o Iraque. No início de 2001 o bombardeio ao Iraque já teria sido mais longo que a invasão do Vietnã pelos Estados Unidos”.²⁴

Esta é uma relação fundamental: para defender, o consolidar e expandir o seu poder, elites governantes e classes dominantes, em diferentes países, desenvolvem operações de terrorismo de Estado que, aos poucos, transformam o próprio Estado que em uma instituição terrorista. Outras vez, realiza-se a metamorfose meios e fins, de tal forma que a multiplicação de operações terroristas, compreendendo a criação

²⁴ Tariq Ali, “Nossos Herodes”, em: Emir Sader (organização), *Contracorrente*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2001, pp. 193-206; citação das pp. 193-194, sendo que o texto foi traduzido por Maria Alice Maximo. Consultar também: Gabriel Kolko, *Century of War*, citado; Charles Messenger, *The Century of Warfare* (Worldwide conflict from 1900 to the present day), Harper Collins Publisher, London, 1995; Eric Hobsbawm, *Era dos extremos* (O Breve do século XX: 1914-1991), Trad. de Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

de técnicas, organizações e alegações, termina por contaminar mais ou menos amplamente a tecnoestrutura estatal, bem como a mentalidade de seus técnicos, funcionários, agentes e beneficiários, compreendendo setores da elites governantes e classes dominantes, o que resulta no Estado terrorista, simultaneamente totalitário e nazifascista.

“Desde 1950 os Estados Unidos têm lutado em provavelmente uma centena de guerras abertas e encobertas. Nenhuma foi declarada nominalmente pelos representantes do povo norte-americano no Congresso; eles humildemente transferiram ao poder executivo a sua responsabilidade de empreender a guerra... Por cinquenta anos temos apoiados muitos tiranos, deposto muitos governos democráticos, investido muito do nosso dinheiro nas guerras civis de outros povos, na pretensão de que estamos apenas ajudando todas essas pobres populações, em diferentes partes do mundo, a amar a liberdade e a democracia exatamente como nós”.²⁵

Note-se, pois, que com a formação do Estado terrorista, disfarçado de democrático, na realidade totalitário e nazifascista, institucionaliza-se a barbárie. Algo que se havia desenvolvido de forma difusa e indefinida na sociedade, em seus poros, frestas e recantos, logo se configura como ideologia e prática, técnica e missão, do Estado como um todo ou de alguns dos seus aparelhos e agências de controle de repressão, em escala nacional e mundial. É como se a essência do poder estatal, o monopólio da violência, aos poucos permeasse ativa e generalizadamente o conjunto das organizações e instituições estatais,

²⁵ Gore Vidal, *The Last Empire* (Essays 1992-2000), Doubleday, New York, 2001, p.324; citação do ensaio intitulado “The Last Empire”, pp. 313-333. Consultar também: Christopher Hitchens, *O julgamento de Kissinger*, trad. de Adelina França, Boitempo Editorial, São Paulo, 2002. William Blum, *L'État Voyou*, trad. de Marcos Martella, Luc Mohler e Anna de Voto, Parangon, Paris, 2002.

realizando, de forma paroxística, a fusão entre o complexo industrial militar, a tecnoestrutura estatal e o monopólio da violência. Esse é o estado-máquina-de-guerra, altamente racional, moderno e eficaz. Trata-se de uma sofisticada construção sistêmica, fundada no pragmatismo, na razão instrumental. Nele as partes e o todo articulam-se eficaz e funcionalmente, aperfeiçoando-se e desenvolvendo-se de conformidade com a organização e dinâmica do poder, enquanto dominação e apropriação, complexo industrial-militar, tecnoestrutura estatal e monopólio da violência. Aí medram mais diversas técnicas de violência, desde o terrorismo à tortura, do seqüestro ao narcotráfico, do fundamentalismo islâmico, ao fundamentalismo calvinista, da barbárie do eixo do mal à barbárie do eixo do bem.

Assim se instaura, desenvolve, generaliza, naturaliza o clima de barbárie, com a qual engendram-se continuamente técnicas de proteção contra a barbárie, com as quais se reitera, generaliza e naturaliza a barbárie. Tudo e todos cercados e protegidos, vigiados e aprisionados, em redes e cadeias de produção e confinamento, elétricas, eletrônicas, eletrizantes.

“Quem não foge procura se proteger. Em nível mundial, trabalha-se no fortalecimento de fronteiras contra os bárbaros. Mas no interior das metrópoles formam-se também arquipélagos de segurança rigorosamente guardado. Nas grandes cidades americanas, africanas e asiáticas já existem há tempos os *bunkers* dos felizardos, cercados por altos muros e arame farpado. às vezes são bairros inteiros, nos quais se podem entrar apenas com permissões especiais. A passagem é controlada por barreiras, câmaras eletrônicas e cães treinados. Guardas armados por metralhadoras complementam em suas torres a segurança da região. O paralelo com os campos de concentração é evidente, com apenas a diferença de que aqui é o

mundo exterior que é visto como zona potencial de extermínio. Os privilegiados pagam pelo luxo com o total isolamento: eles se tornam presas de sua própria segurança”.²⁶

Esse clima de barbárie, localizada e difusa, visível e invisível, ativa e pervasiva, povoa a organização e a dinâmica da sociedade, dos jogos das forças sociais, disseminando-se pelos poros, frestas e recantos da sociedade, contaminando indivíduos e coletividades, em todo o mundo. Envolve um estranho obscurecimento, ou mesmo dissociação, entre o dado e o significado, a aparência e a realidade, o imediato e o remoto, o presente e o pretérito, o dito e a desdita. É como se muitos, em diferentes lugares, estivessem cientes e inconscientes, ativos e sonâmbulos, atores e títeres, circulando na vida ao acaso de injunções desconhecidas, jogos de forças sociais inextricáveis.

“Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência iminente que a caracteriza... A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticaram-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria

²⁶ Hans Magnus Enzensberger, *Guerra civil*, trad. de Marcos Branda Lacerda e Sergio Flaksman, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, p. 40.

configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas”.²⁷

Note-se que a barbárie não aparece como tal, barbárie, em todas as suas implicações, para todos, indivíduos e coletividades. As suas manifestações mais ou menos brutais, sejam elas físicas, sociais e mentais, revelam-se fragmentariamente para uns e outros. As mais diversas formas de violência, compreendendo o terrorismo de Estados, a diáspora, o holocausto, o pauperismo, a subnutrição, a inanição e outras, muitas outras, são vistas em si, em sua singularidade, como atos ou situações nos quais os agentes imediatos e as vítimas imediatas é que são considerados, lastimados, lembrados, culpados, glorificados. Além da surpresa e do choque, de indignação e entusiasmo. Ocorre simultaneamente um processo de resignação, naturalização, ideologização. O ato praticado logo se transforma em passado estilizado, um tanto desvanecido, deixando de ser história, transformando-se em memória.

É assim que uns e outros, indivíduos e coletividades, convivem com a barbárie. Habitam-se a registra-la, repetir os seus males, lastimar a sua persistência e viver com ela. Aos poucos, imperceptivelmente, passa-se a conviver com suas ressonâncias e memórias, como algo catastrófico e indelével, pretérito e esgarçado, acontecido e esquecido.

Há um momento em que a barbárie deixe de parecer barbárie: transformou-se em ruína. Fragmentada e corrida pelo tempo, pelo devir das coisas e da gentes, das atividades e ilusões, arruina-se como se tivesse desabado em um momento pretérito, inextricável. Arruina-se a

²⁷ Theodor W. Adorno, *Educação e Emancipação*, trad. de Wolfgang Leo Maar, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1995, pp. 155 e 159; citações do ensaio “A Educação contra a Barbárie”, pp. 155-168.

como a memória, memorizada como estória. Era um signo de barbárie, tendo-se transformado aos poucos em signo do passado, do fluxo dos tempos, memória de fragmentos, com os quais os presentes agarram-se e desgarram-se do passado, arruinados.

A barbárie parece que está no outro, em sua atividade, em seu modo de ser, cultura, civilização, etnia, política, religião. Medra dentre os que são diferentes, estranhos, exóticos, desconhecidos. Lá é que ela é nativa, germinando como se em outra sociedade, em outro mundo. O que surpreende, no entanto, é que a barbárie nasce no contraponto lá e cá, nós e eles, como se fosse no contraponto ocidentalismo, cristianismo e islamismo, modernismo e arcaísmo, capitalismo e socialismo.

E a surpresa torna-se ainda maior e mais assustadora quando o “civilizado” descobre que é um dos agentes da barbárie do outro e de si mesmo. Mais que isso, descobre que a barbárie germina precisamente no seio da sociedade moderna, burguesa, capitalista, na qual as suas realizações mais ou menos edificantes levam sempre consigo tensões e aflições, incertezas e antagonismos, ilusões e atavismo. Praticamente toda a forma de trabalho e produção, de produção e reprodução, leva consigo uma forma de sofrimento, carência, alienação. Nesse momento aumenta a surpresa. Logo se descobre que a barbárie que está lá e a mesma que está cá. Mais que isso, descobre-se que a barbárie que germina continua e reiteradamente no seio da sociedade moderna, burguesa, capitalista, é a barbárie que contamina os outros, as outras sociedades, precisamente na mesma medida em que estas se tornam modernas, burguesas, capitalistas.

“O nosso século presencia um carnaval de bestialidade. É o século dos campo de morte, do recurso sistemático à tortura por regimes e

sociedades dos mais diversos credos políticos. Esta nossa era é a de fome em massa, da deportação e da tomada de reféns. A exequibilidade de guerras termonucleares, o uso de armas biológicas e a transformação do planeta em terra arrasada significam que a possibilidade de o homem pôr um fim violento a si mesmo, assim como a possibilidade do esgotamento ecológico já não são mais meras fabulações macabras”.²⁸

O que singulariza a barbárie dos tempos modernos, portanto, é que ela germina e generaliza-se na mesma escala em que prosperam a riqueza e a abundância, assim como prosperam a ciência e a técnica. Quando os indivíduos e as coletividades, os povos e as nações dispõem de mais recursos do que nunca para a realização de suas necessidades e inquietações, de suas possibilidades e ilusões. Precisamente nessa época é que florescem e multiplicam-se as manifestações de barbárie. É fruto deste paroxismo: o máximo de prosperidade e sabedoria e o máximo de brutalidade e insânia.

“Hoje em dia, tudo parece levar em seu seio a sua própria contradição. Vemos que as máquinas, dotadas da propriedade maravilhosa de reduzir e tornar mais frutífero o trabalho humano, provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém-descobertas se convertem, por artes de um estranho maléfico, em fontes de privações. Os triunfos da arte parecem adquiridos ao preço de qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; mas, ao mesmo tempo, o homem se transforma em

²⁸ George Steiner, *Nenhuma Paixão Desesperada* (Ensaaios), Trad. de Maria Alice Maximo, Editora Record, Rio de Janeiro, 2001, p.144; citação do ensaio: “A Tragédia Absoluta”, pp. 139-150. Consultar também: Zygmunt Bauman, *Modernidade e Holocausto*, trad. Marcus Penchel, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998; Norbert Elias, “Technization and civilization”, *The Orly, Culture & Society*, vol. 12, n. 3, Sage Publications, London, 1995, pp. 7-42

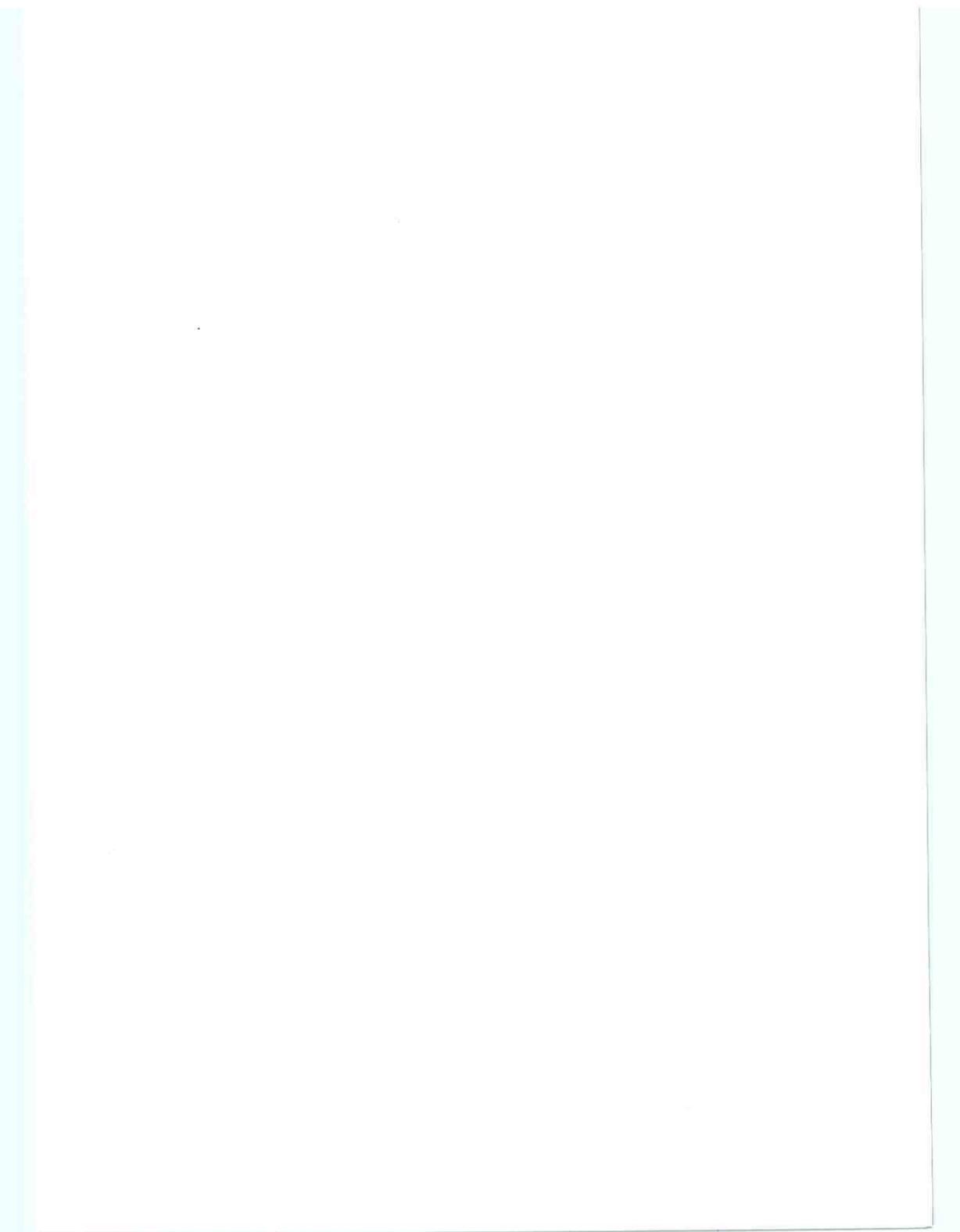
escravo de outros homens ou da própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece só poder brilhar sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos os nosso inventos e progressos parecem dotar de vida intelectual as formas materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta. Este antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, de um lado, e a miséria e a decadência, de outro, este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais da nossa época e um fato palpável, esmagador e incontrovertível”.²⁹

Sob vários aspectos, a barbárie com a qual o mundo se defronta no século XXI é uma das faces da modernidade. A mesma modernidade que anuncia a razão e o esclarecimento, pronunciando o desencantamento do mundo, revelando a alienação e anunciando a emancipação, essa mesma modernidade leva consigo a barbárie e a danação.

Note-se, no entanto, que a modernidade com qual se alimenta a barbárie que germina e expande-se nos séculos XX e XXI é a modernidade da razão instrumental, pragmática, sistêmica, que se desenvolve e generaliza como técnica de mando, de apropriação e dominação, com a qual se consolidam e expandem as estruturas de poder, em âmbito nacional e mundial; estruturas essas por meio das quais as elites governantes e as classes dominantes, em escala nacional e mundial, administram as coisas, as gentes e as idéias, as formas de sociedade e os jogos das forças sociais, os modos de ser é os estilos de vida.

²⁹ Karl Mark, "Discurso Pronunciado na festa de Aniversário do *People's Paper*", publicando em K. Marx e F. Engels, *textos*, 3 vols., Edições Sociais, São Paulo, 1977, vol. III, PP. 298-299. Consultar também: Ashis Nandy (editor), *Science, Hegemony and violence (A Requiem for Modernity)*. The United Nations University, Tokyo, 1988; Doctor Without Boorders, *World in Crisis*, The Politics of Survival at the End of the Twentieth Century, Routledge, London, 1997.

Sim, esta é a realidade: o mundo está amplamente organizado em moldes totalitários. Trata-se de um totalitário que se lança, simultaneamente, em diferentes níveis da vida social, de forma difusa e generalizada, imperceptível e truculenta, inefável e perversiva. Na mesma esteira do novo ciclo de globalização do capitalismo, com o qual se impõe o neoliberalismo, desenvolve-se a organização sistêmicas do mundo, com a qual se constitui, difunde e enraíza a cultura, prática e ideologia do totalitarismo.



À

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES

Cidade Universitária “Zeferino Vaz”

Caixa Postal 6.110

13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: 0XX (19) 3788.1604 / 3788.1603

Telefax 0XX (19) 3788.1589

<http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>
morewa@unicamp.br

IFCH/UNICAMP

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____
We have received: _____

FALTA-NOS: _____
We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____
We are sending in exchange: _____

DATA: _____
Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.